

Júlio Verne
Os Filhos do Capitão Grant - I

Primeira Parte

I

Balance-fish

A 26 de Julho de 1864, com uma forte brisa de nordeste, um magnífico iate evoluía a todo o vapor sobre as ondas do canal do Norte. O pavilhão de Inglaterra batia no penol da carangueja; na extremidade do mastro grande, via-se um galhardete azul com as iniciais E. G. bordadas a ouro e dominadas por um brasão ducal. Este iate chamava-se Duncan; pertencia a Lorde Glenarvan, um dos dezesseis pares escoceses com assento na câmara alta e o membro mais distinto do Royal-Thames-Yacht-Club, célebre em todo o Reino Unido.

Lorde Edward Glenarvan estava a bordo com a sua jovem mulher, Lady Helena, e um dos seus primos, o major Mac Nabbs.

O Duncan, recentemente construído, estava a ser experimentado a algumas milhas ao largo do golfo do Clyde e procurava regressar a Glasgow; a ilha de Arran erguia-se já no horizonte quando o vigia de proa assinalou um peixe enorme que se debatia na esteira do iate. O capitão John Mangles mandou imediatamente avisar Lorde Edward. Este subiu ao tombadilho com o major Mac Nabbs e perguntou ao capitão o que pensava deste animal.

- Na verdade Vossa Honra - respondeu John Mangles - penso que é um tubarão de grande porte.

- Um tubarão nestas paragens! - exclamou Glenarvan.

- É bem possível - prosseguiu o capitão -; aquele peixe pertence a uma espécie de tubarões que se encontra em todos os mares e sob todas as latitudes. é o «balance-fish» (1), e ou eu me engano muito ou temos de nos haver com um desses patifes! Se Vossa Honra permitir, e se agradar a Lady Glenarvan assistir a uma pesca curiosa em breve saberemos com o que contamos.

- Que acha, Mac Nabbs? - perguntou Lorde Glenarvan ao major-, - é de opinião que tentemos a aventura?

- A minha opinião é de que lhe agradará – respondeu tranqüilamente o major.

- Aliás - prosseguiu John Mangles -, nunca será de mais dar cabo desses terríveis animais. Aproveitemos a ocasião e, se isso agradar a Vossa Honra, será ao mesmo tempo um espetáculo excitante e uma boa ação.

- Seja, John - disse Lorde Glenarvan.

Depois, mandou avisar Lady Helena, que se lhe juntou no tombadilho, verdadeiramente muito tentada por esta pesca excitante.

O mar estava magnífico; podiam facilmente seguir-se à superfície as rápidas evoluções do esqualo, que mergulhava ou se elevava com um vigor surpreendente. John Mangles deu as suas ordens. Os marinheiros lançaram por cima da trincheira de estibordo uma corda forte, munida de um anzol cevado

com um bocado de toucinho. O tubarão, apesar de ainda se encontrar a uma distância de cinquenta metros, cheirou o engodo oferecido à sua voracidade. Aproximou-se rapidamente do iate.

Viam-se-lhe as barbatanas, cinzentas na extremidade, negras na base, bater as ondas com violência, enquanto o seu apêndice caudal o mantinha numa linha rigorosamente reta. À medida que avançava, os seus enormes olhos salientes surgiam inflamados pela avidez e as mandíbulas escancaradas, quando se voltava, mostravam uma quádrupla fileira de dentes. A cabeça era grande e colocada como um martelo duplo na ponta de um cabo. John Mangles não se enganara: ali estava a amostra mais voraz da família dos esqualos, o peixe-balança dos Ingleses, o peixe-judeu dos Provençais.

Os passageiros e os marinheiros do Duncan seguiam com uma viva atenção os movimentos do tubarão. O animal ficou em breve ao alcance do anzol; voltou-se de costas para o agarrar melhor, e o isco enorme desapareceu na sua grande goela. Ferrou-se imediatamente a si mesmo ao dar um violento abanão ao cabo, e os marinheiros içaram o esqualo monstruoso por meio de uma talha presa no lais da verga grande.

O tubarão debateu-se com violência, ao ver-se ser arrancado do seu elemento natural. Mas a sua violência foi vencida. Uma corda munida de um nó corredio apanhou-o pela cauda e paralisou-lhe os movimentos. Instantes depois, era puxado por cima da trincheira e atirado para a coberta do iate. Um dos marinheiros aproximou-se dele imediatamente, não sem precaução, e, com uma machadada desferida com vigor, cortou a cauda terrível do animal.

A pesca terminara, já nada mais havia a temer por parte do monstro; a vingança dos marinheiros estava satisfeita, mas não a sua curiosidade. Com efeito, é costume a bordo de qualquer navio inspecionar cuidadosamente o estômago do tubarão. Os marinheiros, conhecendo a sua voracidade pouco delicada, contam com qualquer surpresa, e a sua espera nem sempre é gorada.

Lady Glenarvan não quis assistir a esta repugnante exploração", e regressou ao tombadilho. O tubarão ainda arfava; tinha três metros de comprimento e pesava mais de trezentos quilos. Esta dimensão e este peso nada têm de extraordinário; mas, se o balance-fish não está classificado entre os gigantes da espécie, pelo menos conta-se no número dos mais temíveis.

O enorme peixe foi depressa esventrado à machadada, e sem mais cerimônias. O anzol penetrara até ao estômago, que se encontrava totalmente vazio; era evidente que o animal jejuava há muito tempo, e os marinheiros desapontados iam lançar os restos mortais ao mar quando a atenção do mestre foi atraída por um objeto tosco, solidamente encaixado numa das suas vísceras.

- Eia, que é isto? - exclamou.

- Isso - respondeu um dos marinheiros -, é um bocado de rocha que a besta deve ter engolido para se lastrar.

- Bom! - disse outro - isso é nem mais nem menos que uma palanqueta que esse patife recebeu na barriga e que ainda não conseguiu digerir.

- Calem-se - respondeu Tom Austin, o imediato do iate - não vêem que esse animal era um bêbado incorrigível e que, para não perder uma gota, bebeu não só o vinho mas também a garrafa?

- Ora esta! - exclamou Lorde Glenarvan - o que esse tubarão tem no estômago é uma garrafa.
- Uma garrafa autêntica - respondeu o mestre. - Mas vê-se bem que não vem da adega.
- Bom, Tom - continuou Lorde Edward -, tire-a com cuidado; as garrafas encontradas no mar contêm, muitas vezes, documentos preciosos.
- Acha? - perguntou o major Mac Nabbs.
- Creio, pelo menos, que pode acontecer.
- Oh!, não o desminto - respondeu o Major -, e talvez tenha um segredo.
- É isso que vamos saber - disse Glenarvan. - Então, Tom?
- Está aqui - respondeu o imediato, mostrando um objeto disforme que acabava de retirar, não sem dificuldade, do estômago do tubarão.
- Bom - disse Glenarvan -, mande lavar essa coisa horrorosa e levem-na para o tombadilho.

Tom obedeceu, e aquela garrafa Encontrada em circunstâncias tão singulares, foi colocada sobre a mesa da sala comum.

Chamaram Lorde Glenarvan, o major Mac Nabbs, o capitão John Mangles e Lady Helena, porque, segundo consta, uma mulher é sempre um pouco curiosa.

No mar, tudo é um acontecimento. Houve um momento de silêncio. Todos interrogavam com o olhar este frágil destroço, Estaria ali o segredo de toda uma catástrofe, ou apenas uma mensagem insignificante confiada à vontade das vagas por qualquer navegador cioso?

Contudo, era preciso saber com o que se contava, e Glenarvan procedeu sem mais demoras ao exame da garrafa; tomou, aliás todas as precauções exigidas em semelhantes circunstâncias; dir-se-ia um coroner tomando nota das particularidades de um caso grave; e Glenarvan tinha razão, porque o indício mais insignificante aparentemente pode muitas vezes colocar-nos na pista de uma importante descoberta.

Antes de ser inspecionada interiormente, a garrafa foi examinada pelo exterior. Tinha um colo delgado cujo gargalo vigoroso continha ainda um bocado de arame gasto pela ferrugem. as suas paredes, muito espessas e capazes de suportar uma pressão de várias atmosferas, traíam uma origem evidentemente da Champanha. Com estas garrafas, os vinhateiros de Aí ou de Epernay quebram varais de cadeirinha sem que fiquem com vestígios de rachas. Esta conseguira, portanto, suportar impunemente os acasos de uma longa peregrinação.

- Uma garrafa da casa Cliquot - disse simplesmente o major.

E, como devia ser conhecedor, a sua afirmação foi aceite sem contestação.

- Meu caro major - respondeu Helena -, pouco importa que é esta garrafa, se não sabemos de onde vem.

- Sabê-lo-emos, minha querida Helena - disse Lorde Edward -, e pode para já afirmar-se que vem de longe. Vejam matérias petrificadas que a cobrem, essas substâncias mineralizadas, por assim dizer, sob a ação das águas do mar. Este destroço já permanecera durante muito tempo no oceano antes de se ir meter na barriga de um tubarão.

- Não posso deixar de ser da sua opinião - respondeu o major -, e este frágil recipiente, protegido pelo seu invólucro de pedra, deve ter feito uma longa viagem.

- Ora esta! - Exclamou Lorde Glenarvan - o que esse tubarão tem no estômago é uma garrafa!

- Mas de onde virá? - perguntou Lady Glenarvan.

- Espere, minha querida Helena, espere. temos de ter paciência com as garrafas. Ou me engano muito, ou esta vai, ela mesma, responder a todas as nossas perguntas.

E, dito isto, Glenarvan começou a raspar as duras matérias que protegiam o gargalo; em breve apareceu a rolha, mas muito desgastada pela água do mar.

- É uma circunstância maçadora - disse Glenarvan -, por que se está lá um papel qualquer, estará em muito mau estado.

- É de recear - respondeu o major.

- Acrescentarei - continuou Glenarvan -, que esta garrafa mal rolhada não tardaria a ir ao fundo, e é uma sorte este tubarão tê-la engolido para no-la trazer para bordo do Duncan.

- Sem dúvida - respondeu John Mangles -, e contudo mais valia tê-la pescado no mar alto, com uma longitude e uma latitude bem determinadas. Poder-se-ia nesse caso, estudando correntes atmosféricas e marítimas, reconhecer o caminho percorrido; mas, com um fator como este, com esses tubarões que avançam contra ventos e marés, não se pode saber o que havemos de fazer.

- Veremos - respondeu Glenarvan.

Nesse momento, retirava a rolha com enorme cuidado, e u forte odor salino espalhou-se pelo tombadilho.

- Então? - perguntou Lady Helena, com uma impaciência muito feminina.

- Pois! - disse Glenarvan. - Não me enganava! Tem papéis!

- Documentos!, documentos! - exclamou Lady Helena.

- Só que - respondeu Glenarvan - parecem estar estragados pela umidade, e é impossível tirá-los,

porque aderem às paredes da garrafa.

- Parte-se - disse Mac Nabbs.

- Preferia conservá-la intacta - respondeu Glenarvan.

- Também eu - replicou o major.

- Sem dúvida - disse Lady Helena -, mas o conteúdo é mais precioso que o seu contentor, e mais vale sacrificar este àquele.

- Basta Vossa Honra separar o gargalo - disse John Mangles -, e isso permitirá retirar o documento sem o danificar.

- Vá lá, vá lá, meu querido Edward - exclamou Lady Glenarvan.

Era difícil proceder de outra forma e, acontecesse o que acontecesse, Lorde Glenarvan decidiu-se a partir o gargalo da preciosa garrafa. Foi preciso utilizar o martelo, porque o invólucro de pedra tinha adquirido a dureza do granito. Em Breve fragmentos caíram sobre a mesa, e viram-se vários bocados de papel colados uns aos outros. Glenarvan retirou-os com cuidado, separou-os e estendeu-os na frente dos olhos, enquanto Lady Helena, o major e o capitão se comprimiam em seu redor.

II

OS TRÊS DOCUMENTOS

Estes bocados de papel, meio destruídos pela água do mar, apenas deixavam aperceber algumas palavras, restos indecifráveis de linhas quase inteiramente apagadas. Durante alguns minutos, Lorde Glenarvan examinou-os com atenção; virou-os em todos os sentidos; expô-los à luz do dia; observou os mínimos vestígios de letra respeitadas pelo mar; depois, olhou para os amigos, que o observavam com olhos ansiosos.

- Estão aqui - disse - três documentos distintos, e possivelmente três cópias do mesmo documento traduzido em três línguas, uma em inglês, a outra em francês, a terceira em alemão. As poucas palavras que resistiram não me deixam dúvidas sobre isso.

- Mas, pelo menos, essas palavras têm sentido? – perguntou Lady Glenarvan.

- É difícil pronunciar-me, minha querida Helena; as palavras escritas nestes documentos estão muito incompletas.

- Talvez se completem umas às outras - disse o major

- Deve ser isso - respondeu John Mangles -; é impossível que a água do mar tenha corroído estas linhas precisamente nos mesmos sítios, e, juntando estes bocados de frase, acabaremos por lhe encontrar um sentido inteligível.

- É o que vamos fazer - disse Lorde Glenarvan -, mas procedamos com método. Vejamos em primeiro lugar o documento inglês.

Este documento apresentava a disposição seguinte de linhas e de palavras:

62 Bri gow
sink stra
aland
skipp Gr
that monit of long
and ssistance
lost

- Não significa grande coisa - disse o major com um ar desapontado.

- Seja como for - respondeu o capitão-, - é bom inglês.

- Não há dúvida a esse respeito - disse Lorde Glenarvan – as palavras sink, aland, that, and e lost estão intactas; skipp forma evidentemente a palavra skipper, e trata-se de um senhor Gr..., provavelmente o capitão de um navio naufragado (

- Acrescentemos - disse John Mangles - as palavras monit e ssistance, cuja interpretação é evidente.

- Já é qualquer coisa! - respondeu Lady Helena.

- Infelizmente - respondeu o major -, faltam linhas inteiras. Como saber o nome do navio perdido, o local do naufrágio?

- Descobriremos - disse Lorde Edward.

- Não há dúvida - respondeu o major, que invariavelmente era da opinião de toda a gente. - Mas de que modo?

- Completando um documento com o outro.

- Então procuremos! - exclamou Lady Helena.

O segundo bocado de papel, mais estragado que o anterior, só oferecia palavras isoladas e dispostas desta maneira:

7 Juni Glas
zwei atrosen

graus

bringt ihnen

- Isto está escrito em alemão - disse John Mangles, assim que deitou os olhos a este papel.

- E você conhece essa língua, John? - perguntou Glenarvan.

- Perfeitamente, Vossa Honra.

- Bom, diga-nos o que significam estas poucas palavras.

O capitão examinou o documento com atenção e exprimiu-se nestes termos:

- Em primeiro lugar, já temos a data do acontecimento: 7 Juni quer dizer 7 de Junho, e aproximando este algarismo dos algarismos 62 fornecidos pelo documento inglês, temos esta data completa: "7 de Junho de 1862".

- Muito bem! - exclamou Lady Helena. - Continue, John.

- Na mesma linha - continuou o jovem capitão - encontro a palavra Glas, que, junto da palavra gow fornecida pelo primeiro documento, dá Glasgow. Trata-se evidentemente de um navio do porto de Glasgow.

- É essa a minha opinião - respondeu o major.

- A segunda linha do documento falta toda - prosseguiu John Mangles. - Mas na terceira encontro duas palavras importantes: zwei que quer dizer dois e atrosen, ou melhor matrosen, que significa marinheiros em língua alemã.

- Nesse caso - disse Lady Helena -, tratar-se-ia de um capitão e de dois marinheiros.

- É provável - respondeu Lorde Glenarvan.

- Confesso a Vossa Honra - continuou o capitão - que a palavra seguinte, graus, me embaraça. Não sei como traduzi-la. Talvez o terceiro documento no-la faça compreender. Quanto às duas últimas palavras, explicam-se sem dificuldade. Bringihnen significa tragam-lhes", e se as juntarmos à palavra inglesa situada, como elas, na sétima linha do primeiro documento, ou seja, a palavra assistance, a frase tragam-lhes socorros, distingue-se toda.

- Sim! tragam-lhes socorros!" - disse Glenarvan. - Mas onde estarão esses desgraçados? Até aqui não temos uma única indicação do local e o teatro da catástrofe é totalmente desconhecido.

- Esperemos que o documento francês seja mais explícito - disse Lady Helena.

- Vejamos o documento francês - respondeu Glenarvan. - Como todos conhecemos essa língua, as nossas investigações serão mais fáceis.

Eis o fac-símile exato do terceiro documento:

trois ats tannia

gonie austral
abor
contin pr crue! indi
jeté ongit
et 37011 lat

- Há algarismos - exclamou Lady Helena. - Vejam, Senhores, vejam...!
- Procedamos com ordem - disse Lorde Glenarvan – e comecemos pelo princípio. Permitam-me que separe, uma a uma, estas palavras dispersas e incompletas. Vejo em primeiro lugar, a partir das primeiras letras, que se trata de uma galera cujo nome, graças aos documentos inglês e francês, se conservou todo: o Britannia. Das duas palavras seguintes, gorie e austral, só a última tem um significado que todos compreendem.
- Já é um princípio preciso - respondeu John Mangles – o naufrágio teve lugar no hemisfério austral.
- Isso é vago - disse o major.
- Continuando... - disse Glenarvan. - Ah!, a palavra abor, radical do verbo abordar". Esses desgraçados abordaram algures. Mas onde? Contin! Então foi num continente? Cruel!...
- Cruel"! - exclamou John Mangles. - É essa a explicação da palavra alemã graus... Grausam... "cruel"!
- Continuemos!, continuemos! - disse Glenarvan, cujo interesse aumentava violentamente à medida que o sentido das palavras incompletas se esclarecia. - Indi... portanto, será a Índia sítio para onde esses marinheiros foram atirados? Que significa esta palavra ongit? Ah!, longitude"! E eis a latitude: ,trinta e sete graus onze minutos". Até que enfim! Temos, pois, uma indicação precisa.
- Mas falta a longitude - disse Mac Nabbs.
- Não se pode ter tudo, meu caro Major - respondeu Glenarvan -, e já é alguma coisa um grau exato de latitude. Decididamente, este documento francês é o mais completo dos três. É evidente que cada um deles era a tradução literal dos outros, porque todos contêm o mesmo número de linhas. É preciso agora juntá-los, traduzi-los para uma só língua. É preciso agora juntá-los, traduzi-los para uma só língua e procurar o seu sentido mais provável, mais lógico e mais explícito.
- Vai fazer essa tradução - perguntou o major - em inglês, em francês ou em alemão?
- Em francês - respondeu Glenarvan -, dado que a maior parte das palavras com interesse nos foram fornecidas nessa língua.
- Vossa Honra tem razão - disse John Mangles. - Aliás, essa língua é-nos familiar.
- Combinado. Vou escrever este documento reunindo estes restos de palavras e estes bocados de frase, respeitando os intervalos que as separam, completando aquelas cujo sentido não oferece dúvidas; depois, compararemos e avaliaremos.

Glenarvan pegou imediatamente na caneta e, uns instantes depois, apresentava aos amigos um papel sobre o qual estavam traçadas as linhas seguintes:

7 de Junho de 1862 três mastros Britannia
Glasgow
afundo gonia
austral
a terra dois
marinheiros
capitão Gr abor
contin pr cruel indi
lançaram este documento de longitude
e 37° 11' de latitude Levem-lhes
socorros
perdidos

Neste momento, um marinheiro veio avisar o capitão de que o Duncan entrava no golfo do Clyde e esperava por ordens.

- Quais são as intenções de Vossa Honra? - perguntou John Mangles dirigindo-se a Lorde Glenarvan.

- Chegar a Dumbarton o mais depressa possível, John; depois, enquanto Lady Helena regressa a Malcolm-Castle, eu irei a Londres levar este documento ao Almirantado.

John Mangles deu as suas ordens em conformidade, e o marinheiro foi transmiti-las ao imediato.

- Agora, meus amigos - disse Glenarvan -, continuemos as nossas investigações. Estamos na pista de uma grande catástrofe. A vida de alguns homens depende da nossa sagacidade. Empreguemos toda a nossa inteligência para adivinharmos este enigma.

- Estamos prontos, meu querido Edward - respondeu Lady Helena.

- Em primeiro lugar - prosseguiu Glenarvan -, temos de considerar três coisas bem distintas neste documento: primeiro, as coisas que sabemos; segundo, as que podemos conjecturar; terceiro, as que não sabemos. E que sabemos? Sabemos que, a 7 de Junho de 1862, uma galera, o Britannia, de Glasgow, se afundou; que dois marinheiros e o capitão lançaram este documento ao mar, por 37° 11' de latitude, e que pedem socorro.

- Perfeitamente - respondeu o major.

- Que podemos conjecturar? - continuou Glenarvan. - Em primeiro lugar, que o naufrágio teve lugar nos mares austrais, e chamo desde já a vossa atenção para a palavra gonia. Não acaba ela mesma de indicar o nome do país a que pertence?

- A Patagónia! - exclamou Lady Helena.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

